



EDITORIAL

A PHS – *Phenomenology, Humanities and Sciences* (Fenomenologia, Humanidades e Ciências) tem a enorme satisfação de trazer a público, particularmente ao leitor de língua portuguesa e inglesa, nessa edição que abre o ano de 2021, outro projeto editorial de longo alcance. Trata-se do Dossiê Especial F. J. J. Buytendijk (1887-1974). No cenário da tradição fenomenológica arraigada em solo holandês, Buytendijk talvez seja a figura que desponta com maior evidência. Isso, ao menos, por duas razões fundamentais. A primeira, em virtude de sua obra multifacetada, abrangendo originais pesquisas que tangenciam, no campo gravitacional epistemológico, a biologia, a antropologia humana e animal, a neuropsiquiatria, e até mesmo a medicina esportiva de cuja área ele consagrara inúmeros estudos que particularmente impactaram o mundo das ideias que cobre boa parte do século passado. Em segundo lugar, a sua obra, por ofício, científica, dialoga, de maneira ímpar, com a Filosofia e, em especial, com o movimento fenomenológico tanto na Alemanha quanto na França. Sobre isso não deixa de ser notável sobre o quanto Buytendijk é um leitor não só de Husserl, Scheler, Heidegger, Sartre, Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, mas é igualmente revisitado, em particular, sobretudo, por esse último que, tanto em *A Estrutura do Comportamento* quanto na *Fenomenologia da Percepção*, consagra inúmeras reflexões sobre a sua produção epistêmica. Há, aí, um verdadeiro e fecundo colóquio; interlocução essa que inclusive levava Buytendijk a se aproximar dos trabalhos de outro iminente cientista de orientação fenomenológica que foi Kurt Goldstein (1878-1965).

O que não deixa de chamar a atenção é curiosamente o fato, não obstante o peso desse consórcio, sobre o quanto a obra buytendijkiana permanece ainda uma fonte esquecida, seja, aqui, no Brasil, seja mesmo na Europa. Há poucos trabalhos traduzidos em língua portuguesa dos quais, ao menos, três merecem destaque. O primeiro livro, sem data, é *O Homem e o Animal: Ensaio de Psicologia Comparada* traduzido por Álvaro Simões pela Editora Livros do Brasil de Lisboa. O segundo, *Psicologia do Futebol*, editado em 1965, pela Herder de São Paulo com tradução de Carlos Lopes de Mattos. O terceiro, por fim, é *A Mulher, seus Modos de Ser, de Aparecer, de Existir: Ensaio de Psicologia Existencial* com tradução de Teófilo Alves Galvão pela Editora UFPel, de Pelotas, RS, em 2010. Pois bem: isso é uma pequena amostra da demanda reprimida, no idioma da quinta flor do Lácio, em torno dos escritos buytendijkianos. Como se isso ainda não fosse o bastante, são raros os estudos sobre a obra do insigne mestre holandês. Foi, portanto, levando em conta esse déficit que a presente edição bilingue brinda ao leitor um primeiro grande estudo consagrado a Buytendijk.

É assim que a Revista abre a **Seção de Artigos** com o texto **“A figurabilidade do jogo: essência e sentido do lúdico em F. J. J. Buytendijk”** de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. O autor mostra como em *Essência e Sentido do Jogo*, Buytendijk retrata o que constitui a característica mais essencial do lúdico, qual seja, a figurabilidade (*Abbildbarkeit*). A esfera do jogo é a esfera das “figuras” e com ele, a esfera das “possibilidades”, da “fantasia”. Assim, ao antecipar os clássicos trabalhos de Johan Huizinga e, mais tarde, de Eugen Fink sobre a função do jogo como elemento culturalmente simbólico, agenciado tanto nos homens como nos animais como uma manifestação dos impulsos vitais, Buytendijk, então, praticamente parafraseia Husserl, ao postular que “jogar é jogar com alguma coisa”. O jogo, enfim, é marcado pelo signo da intencionalidade (não da ordem lógica, intelectual), mas àquela em que o jogador e o que é jogado perfazem uma só comunhão de essência e sentido. Ora, é esse ponto de vista gestáltico e, portanto, dialético, para além de uma interpretação meramente reducionista, que o artigo se debruça meticulosamente. O segundo texto é **“Primeiros passos: apropriações de F. J. J. Buytendijk na Educação Física brasileira”**, texto esse realizado em coautoria por Gilson Santos Rodrigues, Rogério de Melo Grillo e Eloisa Rosotti Navarro. Os autores situam a posição teórico-metodológica da obra de Buytendijk no âmbito da Educação Física brasileira. Para tanto, o texto se volta para uma revisão da Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH), na qual Buytendijk desfruta de papel destacado, embora, suas ideias não sejam aprofundadas pelos estudos da área. *A posteriori*, é apresentada sua Teoria Geral e sua Antropologia de jogo. Nesse sentido, cabe observar que autores da Educação Física tem desconsiderado, largamente, as contribuições da Teoria Geral de Jogo e a plenitude das ideias da Antropologia de Jogo, o que, por si só, justifica, uma vez mais, uma apropriação da obra buytendijkiana. O terceiro artigo, de autoria de Silmara Mielke, intitula-se **“A importância do jogo na configuração corporal da vida moderna”**. Nele, a autora assinala, de maneira precisa, sobre a importância do brincar e do jogar para a configuração corporal das crianças e suas implicações na contemporaneidade. Mielke, então, discute o significado do brincar e do jogar, sem perder de vista o aspecto sócio-cultural e suas influências no desenvolvimento corporal da criança. O brincar e o jogar são duas condições que influenciam diretamente o cotidiano infantil e/ou juvenil, de maneira que a brincadeira poderá sempre influenciar e dinamizar a dimensão corporal e intercorporal. Já no



quarto texto, **“Buytendijk e o transtorno do espectro autista: um olhar fenomenológico sobre a experiência infantil”**, Litiara Kohl Dors discorre sobre questões relevantes para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao mesmo tempo em que apresenta elementos teórico-clínicos importados por Buytendijk. O desenvolvimento de estudos relacionados à Biologia e à Fisiologia por parte do autor, permite uma interlocução com as pesquisas atuais no campo das Neurociências. Para isso, trata-se de compreender, fenomenologicamente, a experiência da criança com TEA, mostrando que o corpo é portador de uma dimensão espiritual ou ontológica, que não deve ser negligenciada. E isso, em particular, em virtude da vivência intersubjetiva não apenas para a criança autista, mas para todo e qualquer ser humano. No caso do indivíduo com TEA, no entanto, a vivência de um encontro autêntico com outrem pode funcionar como um elemento terapêutico no sentido de propiciar a liberdade e o despertar da própria existência. Já em **“A existência da dor e a dor da existência: considerações para uma antropologia filosófica”**, quinto estudo do Dossiê, Giovanni Jab Giubilato explora as relações entre dor, corporeidade e movimento a partir de uma problematização da antropologia filosófica como disciplina autônoma, porém essencialmente interdisciplinar, na qual convergem várias questões, metodologias e problemáticas tanto da filosofia e da antropologia como das ciências empíricas, da neurologia e da fisiologia. As referências principais desta tentativa de pensar a existência da dor e a dor da existência numa perspectiva filosófico-antropológica serão Buytendijk, Scheler e Husserl. Em **“A dor de existir: Buytendijk e Merleau-Ponty pensando o sofrimento humano”**, Iraquitam Caminha Oliveira analisa a dor como experiência de existir, a partir de Buytendijk e Merleau-Ponty. Para fundamentar tal análise, o autor ilustra, nesse sexto trabalho, como esses dois pensadores consideram a dor, a partir da perspectiva fenomenológica, como expressão da condição humana de existir em permanente sofrimento. O estudo revela que somos marcados pelo trágico destino do sofrimento com uma impossibilidade radical de escaparmos da dor. O corpo próprio, que experimenta a dor singular de existir, revela uma espécie de dor constitutiva como mal-estar fundador da humanidade. O que Caminha conclui é que o sofrimento, que não pode ser eliminado, exige dos humanos o trabalho do amor em que somos chamados para cuidar uns dos outros. Desse modo, o amor é o sinal de esperança que torna possível nos ligarmos ao outro e ter compaixão pela sua dor. No sétimo artigo, **“O encontro como tarefa primeira da fenomenologia: reciprocidade e desigualdade em Buytendijk”**, Reinaldo Furlan e André Dias de Andrade registram a relevância fenomenológica do tema buytendijkiano do encontro tomando, como parâmetros opostos, Husserl e Levinas. Ver-se-á, no artigo, que o próprio Buytendijk se serve de vários autores da fenomenologia como peças-chave para a composição do ensaio, entre os quais Heidegger, Merleau-Ponty e Binswanger. A seguir, trata-se de explicitar a emergência da questão do encontro em quatro tópicos: o lugar do encontro, de caráter existencial engajado ao contexto histórico e social; a ambiguidade, como marca essencial do encontro; a reciprocidade, como condição do encontro, na maioria das vezes em situação de desigualdade, com destaque para a questão dos papéis sociais; e seu saldo para a fenomenologia, no qual o encontro não é um assunto entre outros, mas ponto de partida para a fenomenologia e interrogação de nossas experiências. Por fim, no oitavo artigo, **“A questão da mulher em Buytendijk e Simone de Beauvoir”**, Eloísa Benvenuti de Andrade discute a questão da mulher no pensamento de Buytendijk e Simone de Beauvoir. Para tanto, Eloísa parte da exposição da tese apresentada por Buytendijk (1887-1974) em seu livro *A Mulher, Seus Modos de Ser, de Aparecer, de Existir: Ensaio de Psicologia Existencial* trabalho esse que reverbera o monumental *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Por meio de uma análise fenomenológica descritiva, trata-se de compreender como Buytendijk critica o reducionismo biológico articulando conceitos como ser humano, corpo e liberdade à luz da defesa de um modo de ser existente e histórico da mulher revelado a partir do corpo. Partindo disso, a autora do artigo articula a perspectiva proposta por Buytendijk com o pensamento de Simone de Beauvoir cuja a questão acerca da existência feminina, para o pensador holandês, seria ainda tributária da consciência e da concepção existencial de liberdade oriunda dela.

Em **Fluxo Contínuo**, a seção edita dois notáveis trabalhos. O primeiro é o artigo do professor e pesquisador norte-americano Duane H. Davis, intitulado **“A Práxis da Arte Revolucionária: Ghosting Uma História sem Sombras”**. O autor então mostra que Merleau-Ponty, em *Humanismo e Terror* (1947), aborda o espectro de problemas relacionados à ação revolucionária. Seu ensaio, *O Olho e o Espírito* (1960), é mais conhecido como uma contribuição à estética. Duane avalia que há uma estrutura comum nesses trabalhos aparentemente díspares. Devemos rejeitar a ilusão da clarividência subjetiva como um padrão de práxis revolucionária, mas devemos também rejeitar qualquer luz idealizada da razão que ilumine tudo – que prometa uma história sem sombras. A natureza revolucionária de um ato deve ser estabelecida como tal através da práxis. As práxis criativas do revolucionário político ou do artista revolucionário são reconhecidas *ex post facto*. Contudo, cada uma envolve a criação de sua própria estética nova, na qual o valor daquela práxis deve ser compreendido espontaneamente e em bloco. Já o segundo texto, **“Ferramenta Quebrada ou Existência Desordenada? O Problema da Enfermidade Mental na Fenomenologia Existencial”**, Marcelo Vieira Lopes aborda sobre a forma adequada de compreensão da enfermidade mental do ponto de vista da fenomenologia existencial de Martin Heidegger via Schmid (2018). A enfermidade mental é apresentada como uma série de rupturas nas estruturas práticas e sociais da existência, por analogia com a análise do utensílio quebrado presente em *Ser e Tempo*. Marcelo Lopes, então, propõe uma análise da leitura de Schmid em três etapas: a primeira sustenta que esta leitura implica tanto uma transgressão categorial quanto uma perspectiva



funcionalista, ambas derivadas da analogia equivocada com o modo de ser dos utensílios; a segunda mostra que as rupturas nas estruturas práticas e sociais da existência não parecem ser suficientes para a manifestação de enfermidades mentais; e a terceira advoga-se a tese de que as perturbações na observância às normas são intimamente ligadas à experiência da enfermidade, mas apenas como consequência destas. Por fim, Lopes introduz uma abordagem relativa à autocompreensão mentalmente enferma prévia à tematização dos distúrbios de observância às normas; ele ainda sugere que uma perturbação no espaço modal da experiência causada por mudanças afetivas tem um papel importante na compreensão da enfermidade mental a partir da perspectiva fenomenológico-existencial.

Fechando a edição, o Dossiê disponibiliza em sua **Seção de Textos Clássicos**, a tradução de “**Liberté Vécue et la Liberté Morale dans la Conscience Enfantine**” de F. J. J. Buytendijk (1951). Esse artigo, cuidada e competentemente traduzido por Silmara Mielke, em bom vernáculo português, constitui um dos mais pujantes ensaios sobre o tema da liberdade no qual Buytendijk constrói uma aliança espiritualmente fenomenológico-existencial com Bergson, Sartre, Merleau-Ponty, entre outros, no sentido de acentuar, no âmbito, em especial, da consciência infantil, o sentido último da liberdade vivida.

Isso posto, reunindo, aqui, pesquisadores do mais alto nível de diferentes universidades e até mesmo nacionalidades, o Dossiê dedica uma justa homenagem a F. J. J. Buytendijk como uma presença marcante para quem assim deseja situar o sentido e o alcance da fenomenologia como movimento não só filosófico, mas multidisciplinar que marcou época no cenário das ideias contemporâneas.

Ao público leitor, aqui, da PHS, um salutar experimento fenomenológico!

Toledo, PR, 31 de janeiro de 2021
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
(Editor Associado)